

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## AS TRAJETÓRIAS DE SAVINO TRIPOTI E PIETRO COLBACCHINI: PROTAGONISTAS DOS (DES)CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ

FÁBIO LUIZ MACHIOSKI  
Doutorando em História - UFPR  
[fabiomachioski@gmail.com](mailto:fabiomachioski@gmail.com)

### Introdução

No presente trabalho, como buscamos explicitar pelo título, temos como objetivo principal apresentar as trajetórias de dois indivíduos que protagonizaram capítulos decisivos na história da imigração italiana no Paraná. Na nossa concepção, a análise dos itinerários dessas duas personagens se justifica pelo fato de que seus nomes são muito recorrentes nos estudos e publicações que versam sobre o tema. Apesar dessa constante aparição, ambos os indivíduos são citados, ou pelo menos por muito tempo foram, somente de maneira rápida e superficial, ou seja, apenas como coadjuvantes do processo histórico que estamos analisando.

Só bem recentemente é que surgiram estudos que, ao se debruçarem com mais afinco sobre os escritos de Pietro Colbacchini, produziram análises mais robustas a respeito da atuação que o referido sujeito teve na região de colonização italiana formada no entorno da capital paranaense de Curitiba. (SCARPIM, 2015; MACHIOSKI, 2018) Porém, ainda não nos é possível afirmar o mesmo em relação à Savino Tripoti, devido à ausência de um estudo historiográfico aprofundado que trate da agência deste indivíduo no processo de instalação dos primeiros colonos italianos no Paraná.

Contudo, não podemos negligenciar a existência de um trabalho, que foi elaborado não por um historiador, mas por uma descendente de algumas das famílias que se instalaram no empreendimento colonial criado por Tripoti. Estamos nos referindo ao livro intitulado Colônia Alessandra, que traz um apanhado de documentos que remete a atuação desse indivíduo e a instalação do primeiro núcleo colonial destinado a receber imigrantes provenientes da Itália na então província paranaense. Já nas primeiras páginas, nas quais apresenta sua obra, que inclusive foi a responsável por despertar o nosso interesse em desenvolver a presente pesquisa, a autora afirma:

...resolvi enriquecer os relatos que ouvira em família com informações da época contidas em documentos e jornais preservados.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Encontrei registros em arquivos públicos que ratificam os relatos de minha família. Porém, contradizem o que se tem publicado a respeito de Savino Tripoti e sua Colônia Alessandra. (CAVANHA, 2012, p. 7).

Portando, um dos nossos objetivos aqui, ao se debruçar sobre o percurso de Tripoti, é também fazer uma revisão das sentenças historiográficas que vêm sendo publicadas sobre ele e a Colônia Alessandra, que segundo Cavanha são contraditórias à documentação da época que se encontra preservada, e que pode ser facilmente acessada em diversos arquivos públicos, sobretudo o Nacional e o do Paraná.

Sendo assim, acreditamos que a escassez de pesquisas que remontem as trajetórias de Pietro Colbacchini e Savino Tripoti forma duas lacunas na história da imigração italiana no referido estado que precisam ser preenchidas. É esta a intenção que temos a longo prazo, mas que pretendemos começar com a escrita do presente texto, para quem sabe, despertar outros historiadores para que venham contribuir com esse trabalho ou produzir mais pesquisas da mesma natureza em outros contextos imigratórios. Isso porque, cremos que a análise do itinerário percorrido por sujeitos que se deslocam, como é o caso dos dois que aqui se tornaram nossos objetos de estudo, podem revelar fatos ainda não conhecidos sobre o fenômeno histórico que foi a vinda e a instalação de imigrantes no Brasil e, especificamente, como é de nosso interesse, dos italianos que se fixaram no território paranaense.

Nesta direção, nossa análise se insere nos escritos de trajetórias de indivíduos que participaram de deslocamentos transoceânicos, temática que tem sido recorrente nas pesquisas que investigam os fenômenos migratórios. Este tipo de escrita biográfica tem ganhado fôlego novo, pois proporciona que histórias de vida de personagens específicos sejam visitadas para, por meio delas, entender processos históricos de grande amplitude. Essa tendência se deve à uma renovação do gênero biográfico, na qual:

A nova biografia, se assim se pode chamá-la, entende que homens e mulheres são dotados de racionalidade própria, ainda que limitada, e possuem horizonte de expectativas e possibilidades em constante mudança e, acima de tudo, que a vida deles não está dada desde o início; ou seja, a vida, seja ela de quem for, é marcada por indeterminismos resultantes de situações políticas, econômicas, religiosas, comunitárias, etc. que fogem ao controle pessoal, mas é com base nessas situações que eles, sujeitos históricos, devem fazer suas escolhas. Resumindo: a biografia atual problematiza as histórias particulares, relacionando-as e não as isolando da história geral. Esse procedimento está permitindo aos historiadores vislumbrar novos sujeitos, porque analisados em interação com diferentes e complexos contextos. (KARSBURG, 2015, p. 33.)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Especificamente sobre o contexto da imigração e colonização italiana no Brasil, podemos citar ao menos um trabalho historiográfico que está dentro dessa perspectiva de estudos de trajetória, e que por esse motivo nos serviu de grande inspiração. Trata-se da pesquisa realizada por Maíra Vendrame (2016), intitulada *O poder na aldeia*, na qual a historiadora narra a história da vida, ou melhor, da morte de um imigrante, o padre Antonio Sório, em meio a uma comunidade de colonos italianos instalados no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, as metodologias utilizadas na elaboração deste último trabalho que utilizamos como referência, que foram pautadas em conceitos e técnicas de pesquisas elaboradas pela micro-história italiana, também puderam contribuir com a nossa investigação. Fizemos uso, principalmente, das metodologias microanalíticas conhecidas como *paradigma indiciário* e *método onomástico*. O primeiro, que foi elaborado por Ginzburg (1989), foca nos detalhes, e o segundo, conforme apresentado por Ginzburg e Poni (1989), consiste em perseguir o nome dos indivíduos na intenção de compreender suas ações e suas interações sociais.

Sendo assim, as análises das trajetórias de Tripoti e Colbacchini puderam ser construídas por meio do cruzamento de um grande número de documentos, nas quais seus nomes estão citados ou que, então, foram escritos por eles. Com isso, foi possível reconstituir os percursos traçados pelas duas personagens, cotejando os dados de um conjunto documental formado por uma grande variedade de fontes. Trata-se de escritos epistolares trocados por eles com as autoridades civis e eclesiásticas, relatórios, notícias de periódicos, memoriais autobiográficos e documentos oficiais, como contratos e decretos de lei. Em meio a essa diversa gama de material, destacamos dois essenciais: o “Memorial sobre a Colônia Alessandra”, escrito em 1877 por Savino Tripoti e que contém 106 páginas e; as cerca de 300 cartas redigidas por Pietro Colbacchini de 1884 à 1901, reunidas por Terragni (2016).

Essa documentação proporcionou vislumbrar algumas respostas para os seguintes questionamentos que formulamos a partir da problemática que vem sendo evidenciada: Quem foram Savino Tripoti e Pietro Colbacchini? Qual a atuação que cada um deles teve no contexto da imigração italiana em solo paranaense? Por que um foi considerado “vilão” e o outro “herói” dentro do referido processo histórico? Quais

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

foram as ações desses sujeitos junto a região de colonização italiana do Paraná? O que a análise das trajetórias desses indivíduos pode revelar sobre o referido contexto imigratório?

Dessa forma, perseguindo o itinerário desses dois sujeitos, visamos conhecer um pouco mais sobre os caminhos e descaminhos da imigração italiana no Paraná. O que pretendemos, como explica Giovanni Levi (2006), é juntar “biografia e contexto”, e assim construir uma narrativa histórica que procure por meio do percurso das ditas personagens, que aqui são nossos objetos de pesquisa, reconstituir os ambientes sociais e as relações de poder nas quais os indivíduos em questão estiveram inseridos.

## **A Colônia Alessandra e a trajetória de Savino Tripoti**

Savino Alessio Tripoti, nasceu em 1840 na Província de Teramo, na região italiana de Abruzzo. Filho de Antonio Tripoti, que atuou nas lutas em favor da unificação italiana, ele mesmo aos 19 anos participou da guerra contra a Áustria em 1859, assim como seu irmão Luigi que foi um garibaldino quando tinha apenas 14 anos de idade. Este fato revela o espírito progressista do nosso investigado, assim como aponta para os possíveis motivos que o fizeram deixar a Itália para empreender na América.

Já no Novo Mundo, foi um empresário do ramo da imigração que atuou como proprietário e concessionário das terras da Colônia Alessandra, empreendimento instalado no litoral paranaense no início da década de 1870.<sup>1</sup> Este núcleo colonial particular foi o primeiro pensado e criado com a finalidade de receber exclusivamente os colonos italianos que desejassem se instalar nas terras da então Província do Paraná. Porém, a historiografia costuma afirmar categoricamente que o referido empresário, cujo nome aparece grafado de diferentes maneiras, teria sido o único responsável pelo

---

<sup>1</sup> Tudo indica que a denominação dada para a colônia seja uma referência a um nome muito comum na família Tripoti, e que se trate tanto de uma homenagem a uma de suas irmãs, que tinha o nome de Alessandra, como também uma versão feminina do segundo prenome do próprio Savino, o que para nós é um indício da forte ligação afetiva que ele possuía com o seu empreendimento.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fracasso da mencionada colônia, que por sinal também teve o seu nome original alterado para Alexandra.<sup>2</sup>

Na nossa concepção, essa variação e alteração dos nomes, tanto do núcleo colonial como de seu fundador, não se tratam de simples problemas de aportuguesamento, mas sim são indícios que apontam para fatos históricos que sofreram algum tipo de intervenção e/ou interdição, ou seja, os quais se espera que sejam apagados ou esquecidos. Cremos, que no caso do nome da colônia indique uma mudança de rumo no processo da imigração italiana do Paraná e, no segundo, seja um indício de uma história mal ou pouco contada e que, portanto, precisa ser revisitada.

Como se não bastasse ser responsabilizado pelo infortúnio do seu próprio empreendimento, Tripoti ainda é tachado como o culpado pelo insucesso do plano colonizador daquele governo provincial, que almejava instalar os imigrantes da referida etnia em núcleos próximos à sua zona portuária. Como exemplo das afirmações feitas até aqui podemos citar a seguinte descrição:

... os imigrantes dessa etnia se tornaram numerosos quando encaminhados por Sabino Tripodi, concessionário da colonização de Alexandra, município de Paranaguá. Os primeiros colonos todos vênets, conduzidos para uma zona imensamente florestada, viram desde logo a dificuldade que lhes opunha a pujança da mata tropical e se recusaram a fixar na localidade... (MARTINS, 1941, p. 73)

A citação acima, retirada de um famoso estudo sobre o processo de povoação do Paraná, deixa a entender que a totalidade dos primeiros italianos, chegados na referida província na década de 1870, recusou a se estabelecer na Colônia Alessandra. Da mesma forma, ela afirma que todos tinham a mesma origem regional, o Vêneto, localizado na parte Setentrional da Itália. Segundo os escritos de Tripoti, contidos no seu Memorial sobre a Colônia Alessandra, não teria sido bem assim, como veremos mais adiante.

Antes disso, trazemos outro exemplo de como Savino Tripoti aparece na historiografia paranaense, contido nos escritos elaborados por Altiva Pilatti Balhana. Esta historiadora, que escreveu importantes trabalhos sobre a colônia italiana de Santa

---

<sup>2</sup> Sobre os diversos nomes grafados erroneamente que se referem à personagem de Savino Tripoti é possível encontrar nos textos historiográficos e memorialísticos combinações das seguintes variações: Savino, Sabino, Salvino, Silvino, Tripodi, Tripoli e Tripole. Um exemplo característico é o nome da rua existente na própria localidade de Alexandra em Paranaguá, denominada de Silvino Tripoli.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Felicidade, núcleo instalado no entorno do meio urbano de Curitiba no ano de 1878, afirma que:

A verdade é que Tripotti não se interessou nem pelos colonos, nem pela colonização. Seu objetivo era apenas atrair o maior número de imigrantes... O governo Lamenha Lins percebeu o rumo que estava sendo dado ao empreendimento e assim rescindiu o contrato realizado e confiscou os bens de Sabino Tripotti. (BALHANA, 1958, p. 29 e 30)

A afirmação de Balhana é bastante enfática: culpa Savino de não ter se interessado pelo bem estar dos colonos e deixa a entender que o mesmo estava preocupado unicamente em trazer o maior número de imigrantes, para assim obter maiores vantagens pecuniárias. Da mesma maneira, fica subentendido que o empresário não tinha capacidade administrativa para manter seu empreendimento, e que o governo paranaense da época, ano de 1877, na pessoa do presidente provincial Lamenha Lins, confiscou a colônia para livrá-la das mãos de um irresponsável.

Porém, esse desinteresse, essa ânsia por lucro e essa incapacidade do proprietário e concessionário da Colônia Alexandra não correspondem com as afirmações que Jussara Cavanha apresenta em sua obra sobre o dito núcleo colonial. Partindo das memórias familiares e com base nos documentos arrolados em sua pesquisa, a autora afirma, categoricamente, que “Savino Tripoti era uma pessoa preparada para comandar o empreendimento e transformá-lo em um espaço produtivo onde, certamente, os colonos teriam realizado o sonho de se tornarem agricultores prósperos”. (CAVANHA, 2012, p. 9) Em outro trecho, ela infere que o referido empresário “se empenhou para construir um projeto viável, mas, que sucumbiu por motivos alheios à sua vontade”. (Ibidem, p. 7) Talvez foi isso que Martins quis dizer, mesmo que de maneira tímida, ao escrever que “Tripodi era um homem capaz de grandes empreendimentos e o seu fracasso proveio dos seus poucos recursos...” (1941, p. 74).

O fato é que no Memorial em que redigiu, o empresário traz uma versão bem diferente da que até aqui foi apresentada, deixando claro que fez tudo que podia para o progresso do seu empreendimento, que fracassou por conta dos impasses contratuais que teve com os governos imperial e provincial. Tripoti inicia o seu relato falando de como veio para o Brasil:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Depois de ter fundado na Republica Argentina duas colônias agrícolas (a Colonia Emilia na província de Santa Fé, como simples diretor, e a Colonia Eusonia no território indiano do Chaco, como diretor comandatario), achando-me em Buenos Ayres, ao terminar do anno 1870... tive a honra de encontrar-me com o Illmº Sr. Commendador Borges, então Ministro Representante do Brasil n'aquella Republica, o qual cortezmente convidou-me a effectuar o meu programma no Imperio, assegurando-me que aqui encontraria maiores auxílios e proteção por parte do Governo. (TRIPOTI, 1877, p. 3)

Fica evidente que a vinda de Tripoti para o Brasil se deu por conta de um convite de um diplomata brasileiro, que atuava na Argentina e que serviu de mediador na apresentação do agente italiano ao governo imperial. Ao mesmo tempo, percebemos que o empresário já possuía experiência no ramo de implantação de colônias de imigrantes no país vizinho. Dessa forma, por meio de um relatório, ele apresentou uma proposta para o governo brasileiro, na qual continha o modelo de empreendimento de colonização que almejava implantar, do qual recebeu a seguinte resposta através do Ministério da Agricultura: “Estudando detidamente o trabalho do Sr. Tripoti se obtem a prova de que possui as qualidades de um bom administrador e que sua actividade poderá dar bons resultados...” (Ibidem, p. 4)

Depois dessa preliminar aprovação, o empresário veio para o Brasil e foi apresentado pessoalmente, pelo diplomata italiano Sr. Cavalchini, ao ministro da agricultura Theodoro Machado Freire Pereira da Silva. Assim, um primeiro contrato de colonização foi assinado entre as partes no dia 07 de junho de 1871. O próximo passo foi a escolha do local para a instalação de sua colônia:

Favorecido de especiaes recommendações do Exm. Ministro aos Presidentes das províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, percorri todas as regiões marítimas das mesmas, não deixando de observar nenhum lugar, que pela boa qualidade dos terrenos, pelas facilidades das communicações, pelas proximidades de mercados consumidores e de um porto de mar para a exportação, podessem no meu entender, assegurar a prosperidade do futuro estabelecimento. Uma localidade que reunisse todas essas condições, encontrei-a somente aos pés da Serra do Prata, no Município de Paranaguá. (Ibidem, 1877, p. 7)

Esta escolha rendeu um segundo contrato, agora firmado com o governo paranaense, assinado em 22 de agosto de 1871, que entre as vantagens garantia a construção, com recursos provinciais, de uma estrada de rodagem entre Paranaguá e Morretes que passaria pelo centro da colônia. Assim, “no dia 10 de Fevereiro de 1872

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principiarão os trabalhos coloniaes, e desse mesmo dia data a fundação da Colonia Alessandra” (Ibidem, p. 9). Porém, os repasses do governo imperial não foram adiantados, o que fez com que Tripoti retornasse a côrte, de modo que o contrato sofreu uma novação pelo Decreto nº 5153 assinado em 5 de dezembro de 1872, e pelo mesmo motivo passou por uma revisão por meio do Decreto nº 5373 de agosto de 1873. Desta data em diante, Savino manteve contato direto o agente Giacomo Grassi e com seu irmão Vincenzo Tripoti que atuou como subagente e recrutador de imigrantes na Itália:

Com esse fim entretive uma correspondência animadíssima com o meu irmão Vicente, que tinha já agenciado 80 famílias por minha conta nas províncias nativas do Abruzzo, de onde podia tirar os melhores e mais morigerados agricultores. Com efeito, os que me vierão dessa procedência demonstrarão com os factos sua superioridade sobre os demais. (Ibidem, p. 22 e 23)

De fato, em 23 de fevereiro de 1875, os primeiros italianos, cerca de 303 imigrantes, que desembarcaram na colônia, e que vieram a bordo do veleiro Anna Pizzorno, eram oriundos das províncias de Teramo no Abruzzo, de Caserta na Campania e de Potenza na Basilicata, e não daquela do Vêneto como se afirma em muitos escritos sobre a imigração italiana no Paraná. Mesmo os imigrantes vindos da Itália Setentrional, que posteriormente chegaram com os vapores Izabella, Ramó, Liguria e Clementina, não eram vênnetos e sim Lombardos, Tiroleses e Piemonteses. (Ibidem, p. 30)

Com a chegada do primeiro grupo de imigrantes Tripoti passou a ter que controlar os anseios dos colonos, o que gerou revoltas, deserções e o início de muitas divergências com o governo provincial. Porém, o empresário afirma que foram casos pontuais, que teriam sido contornados se ele tivesse tido o apoio dos governantes e das autoridades paranaenses. Num primeiro caso, Savino relata que:

Tendo feito chamar perante o Juiz de Paz dous chefes de famílias que tinham desertado da Colonia, deixando uma divida relativamente consideravel... fui pelo Juiz condenado, e os colonos sahirão rindo-se do regulamento e da justiça. As autoridades pretestarão que o regulamento não era valido, por não ser aprovado por Decreto... (Ibidem, p. 20)

Sobre outra situação descreve:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

...contrariados porque não consenti que pousessem em pratica o costume da *camorra*, se constituirão chefes de um motim, e seduzindo varias famílias, todas da provincia de Basilicata, se forão com elas para Paranaguá. Mediante a minha energia e superioridade moral, que n'aquelle tempo não se me havia tirado... consegui persuadir os seduzidos a voltarem à Colonia, quando interveio o Governo Provincial com medidas tão inopportunas, que desfazendo minha obra, estabeleceu assim um precedente funesto, cujos fructos devião em seguida ser tão fataes á minha empresa. (Ibidem, p. 26 e 27)

Esta última descrição dos fatos, por parte de Tripoti, mostra o nível de desentendimentos e desencontros que houve entre os discursos e ações do empresário com alguns governantes provinciais. No seu Memorial sobre a Colônia Alessandra, Savino Tripoti argumenta que essa atitude contrária ao seu empreendimento, por parte do governo, iniciou quando uma outra empresa, a Pereira Alves Bernardeski & C<sup>a</sup>. criou outras duas colônias no mesmo Município de Paranaguá, a Pereira e a Euphrasina, e passou a receber vantagens das autoridades provinciais por conta de interesses políticos e econômicos (Ibidem, p. 42 – 46). Da mesma forma, a nível nacional, o italiano afirma que o governo imperial brasileiro concedia no período uma espécie de monopólio ao empreendimento de Joaquim Caetano Pinto Junior.

Diante de tamanhas desvantagens Savino, por meio do Decreto nº 6550 de 13 de abril de 1877, se viu obrigado a desfazer o contrato com o governo imperial e entregou o empreendimento ao governo, acabando por ser extraditado para o seu país de origem. Porém, conforme consta no site da câmara dos deputados federais<sup>3</sup>, o pagamento da dívida à Tripoti se deu somente em 1884, por meio de uma representação diplomática do Brasil na Bolívia para que o caso não constituísse jurisprudência em favor dos imigrantes italianos. Na ocasião quem recebeu foi a viúva de Savino Tripoti, o que indica que o empresário, que sonhou com a implantação e o sucesso da Colônia Alessandra no litoral do Paraná, já havia morrido após o seu retorno para a Itália.

## **A trajetória de Colbacchini na Região de Colonização Italiana do Paraná**

Pietro Colbacchini, nasceu na localidade de Angarano na cidade de Bassano del Grappa, na província vêneta de Vicenza, no dia 11 de setembro de 1845, e segundo os

---

<sup>3</sup> <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3229-3-setembro-1884-547013-publicacaooriginal-61657-pl.html>

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

registros paroquiais foi batizado no mesmo dia. Foi o décimo terceiro filho, de um total de 17, de Antonio Colbacchini e Angela Zarpellon, um abastado casal pertencente a burguesia do lugar. Aos 3 anos recebeu o sacramento da crisma e aos 8, a primeira comunhão. Também consta que frequentou a escola, concluindo o colegial em 1857. Deste ano até 1862 realizou seus estudos junto aos seminários diocesanos de Vicenza e Padova, e aos 18 anos entrou para a ordem dos jesuítas, junto a qual iniciou o noviciado em novembro de 1863, na cidade de Verona.

Segundo Terragni, nesse período que passou junto a Companhia de Jesus ele adquiriu as características religiosas ultramontanas que marcaram sua atuação junto aos imigrantes italianos no Brasil. Os ensinamentos da congregação jesuíta da época eram pautados em uma “rígida disciplina com uma formação espiritual voltada ao intransigentismo e de indiscutível fidelidade ao Papa em todas as questões religiosas e políticas”. (TERRAGNI, 2016, p. 6.) No entanto, por motivos de doença se retirou por duas vezes dos seus estudos junto a esta ordem religiosa, sendo que a segunda vez foi em definitivo. Porém, a breve permanência na ordem fundada por Inácio de Loyola foi o suficiente para lhe imprimir vários aspectos de sua personalidade empreendedora, independente e autoritária.

Não podendo continuar sua formação religiosa junto aos jesuítas, Pietro Colbacchini retornou ao seminário diocesano de Vicenza onde concluiu os seus estudos e foi ordenado sacerdote em 19 de dezembro de 1869, aos seus 23 anos de idade. Como padre exerceu seus primeiros anos de missão em duas localidades da sua diocese, na Igreja de Santa Corona em Vicenza, e em Cereda, onde permaneceu como pároco até 1883. Desta data em diante se tornou livre dos afazeres paroquiais e se dedicou exclusivamente às missões populares como missionário apostólico, que era o que de fato combinava mais com as suas características religiosas adquiridas durante sua formação jesuítica, apesar de ter se tornado um padre secular.

Esse anseio de ser missionário e não se fixar em uma paróquia é uma das importantes características, que desde já podemos afirmar, estava presente no modelo de organização religiosa que tinha em mente este sacerdote. Com certeza, foi este desprezo à vida paroquial e o desejo de realizar sua missão nas Américas que fez com que Colbacchini decidisse emigrar para socorrer espiritualmente os imigrantes italianos no

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Brasil. O momento desta decisão, como podemos conferir adiante, é narrado por ele mesmo em uma de suas cartas enviada ao representante da Santa Sé no Brasil, o internúncio apostólico Monsenhor Francesco Spolverini:

No mês de maio de 1884, eu me encontrava em Feltre, pregando na catedral local. Um bondoso sacerdote de Campo di Quero, localidade vizinha, veio até mim apresentando-me diversas cartas recebidas de seus conterrâneos dispersos nas províncias brasileiras do Rio Grande e de Santa Catarina, os quais lhes pediam insistentemente que fosse até eles para lhes dar o auxílio de seu ministério. Cortaram-me o coração os lamentos que, nessas cartas, faziam sobre o abandono em que jaziam tantos desventurados italianos, e o perigo em que se encontravam de perder a fé. Havia muitos anos que eu aspirava à missão italiana no Brasil, contudo, as dificuldades presentes me levaram a suspender a realização desse projeto, e as contínuas ocupações com missões na Itália me tomavam o tempo e as preocupações. As cartas conseguiram sacudir-me e tirar-me qualquer dúvida, e decidi partir o mais rápido possível.<sup>4</sup>(COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889)

Fica claro, por meio desta carta, que Pietro Colbacchini já planejava há alguns anos emigrar para o Brasil a fim de proteger os imigrantes italianos do ‘perigo de perder a fé’, e que não foi uma decisão de momento. Isso explica porquê ele não se dirigiu às províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina citadas na fonte acima, mas sim para São Paulo, desejando chegar aos italianos que estavam instalados na província do Paraná, que na época pertencia à jurisdição da diocese paulista. Esse desejo é explicitado por ele em uma de suas cartas dirigidas ao padre Domenico Mantese: “Antes mesmo de partir da Itália tinha em mente o Paraná; sabia que lá deviam se encontrar muitos que pertenciam a nossa diocese; o meu desejo esteve sempre voltado para eles”. (COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887.)

Defendemos aqui a ideia de que o referido sacerdote sabia que nos arredores da capital paranaense haviam se instalado imigrantes vênnetos provenientes de localidades da região do Brenta, próximas de sua cidade de origem, Bassano del Grappa, e que era para esses conterrâneos que ele tinha um projeto particular de assistência religiosa. Na nossa opinião, esse seu desejo expressa o forte sentimento de pertença regional, uma espécie de veneticidade, sob a qual desejava que os imigrantes construíssem seu processo de identificação etnocultural. Essa hipótese é reforçada no discurso que Colbacchini promove no Brasil a partir de 1885. A começar pela descrição que faz da

---

<sup>4</sup>Todos os trechos das cartas de Colbacchini que constam no presente artigo foram traduzidos por nós da transcrição feita do original em italiano que compõem a obra de Terragni (2016).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

experiência nas fazendas de Jundiá, São Paulo, nas quais haviam se estabelecido italianos provenientes da província de Mantova. “Um ano e meio passei lá, com muito incomodo de minha parte, porque seja em relação ao alojamento como também à alimentação, tinha apenas as coisas necessárias, e devia passar a vida com aquela gente rude e difícil que são os Mantovanos”. (COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887.)

Percebemos que Colbacchini possuía um forte sentimento étnico no qual pautava sua prática discursiva para a construção de um processo de identificação cultural dos seus conterrâneos vênnetos. Essa ideia é reforçada por esse ser um dos argumentos utilizados por ele, depois que já estava realizando seu trabalho nas colônias italianas dos arredores de Curitiba, em meados de 1886, na tentativa de arregimentar companheiros da diocese de Vicenza para sua missão, como foi com Domenico Mantese para quem escreve:

Estou agora por obter a ordem de erigir uma paróquia em Curitiba para os italianos, onde se poderá tirá-los da dependência do pároco brasileiro do qual não podem esperar outra ajuda senão de gastar muito dinheiro com as taxas de batizados e de matrimônios. Minha intenção seria a de constituir um sacerdote como pároco, e que dois ou três outros o coadjuvassem missionando nas colônias, pois em todas se está construindo igrejas. [...] Venha e prometo que a sua presença será cem vezes mais útil que na sua atual paróquia. (COLBACCHINI a MANTESE, 18 de agosto de 1886)

Nesta carta, percebemos o caráter de independência em relação às paróquias e aos clérigos brasileiros que Colbacchini gostaria de imprimir na organização religiosa que queria implantar. Entretanto a demora na vinda dos padres da diocese de Vicenza, para colaborarem com o projeto de congregação religiosa de Colbacchini, fez com que seu desejo não se concretizasse como o desejado. O fato é que, na mesma época em que ele pensava em fundar um instituto voltado para os vênnetos imigrados no Paraná, o bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, deu início a um projeto análogo, porém, destinado a atender espiritualmente todos os imigrantes italianos nas Américas. A notícia da criação desta nova congregação chegou por meio de uma carta enviada pelo seu correspondente, padre Mantese, em 20 de novembro de 1887, e fez com que Colbacchini aderisse prontamente a esse novo projeto, escrevendo logo à Scalabrini e se colocando a sua disposição como se pode ler logo a seguir:

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Eu o último de todos no mérito, tenho o direito de colocar-me entre os primeiros no desejo de fundação desta tão necessária missão. [...] V. Excia. Revma. dignou-se comunicar-me que conta com minha colaboração para a fundação de uma casa central dessa associação de missionários para a América, e eu respondo com todo o coração ao seu desejo, tornando-me seu fiel servo para a vida e para a morte, em prol de uma causa que em tudo corresponde à finalidade pela qual aqui me encontro. (COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887.)

Com essa atitude o sacerdote almejava ser legitimado cada vez mais como principal representante da coletividade italiana da região, ao mesmo tempo que induzia os colonos a assumirem uma italianidade pautada na catolicidade ultramontana. Porém, Colbalcchini se deu conta que devia enfrentar frequentes oposições e perseguições, já que nem todos os imigrantes de origem italiana estavam dispostos a se submeter ao seu controle e ao modelo de representação étnica baseado nos moldes do catolicismo ultramontano. Consciente dessa realidade, em meados de 1888, o sacerdote escreveu ao representante da Santa Sé no Brasil:

Entre os nossos, existem os trazidos pelo diabo. Da parte destes, sofri e sofro perseguições de todos os tipos. Combati e venci o ex Agente Consular o Sr. Ernesto Guaita que em discurso público me qualificava como “perigosa ave notívaga” para Curitiba. [...] Agora aqui e ali existem aqueles que me querem morto, ou porque lhes tirei a concubina, ou por ter avisado a polícia das turbulências que inquietavam as colônias. (COLBACCHINI a SPOLVERINI, 24 de maio de 1888.)

Além da luta contra os representantes locais da italianidade nacionalista, que possuíam fortes consonâncias anticlericais herdadas do processo de unificação da Itália, Pietro Colbalcchini teve fortes embates com os membros do clero brasileiro. Isso mesmo depois da criação da Capelania Italiana Curada em Curitiba, por meio do decreto episcopal de 14 de fevereiro de 1888, pelo qual o sacerdote foi nomeado oficialmente o diretor espiritual das colônias italianas do Paraná. Na verdade, o padre italiano se indispôs ainda mais com as autoridades locais, sobretudo com os padres que ocuparam o cargo de Vigário Geral Forense, pois entendia que esses barravam o seu projeto. O fato é que o decreto permitia que os imigrantes escolhessem se queriam pertencer ou não a dita capelania, ou seja, podiam optar ser liderados religiosamente e moralmente pelos párocos brasileiros ou por Colbalcchini. No entendimento deste último isso comprometia o seu projeto de forjar a italianidade por meio da catolicidade, pois considerava que era “necessário estender a todos os núcleos, ou melhor, a todos os

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

italianos o benefício que estaria limitado a poucos”. (COLBACCHINI a SPOLVERINI, 1889.)

Esses confrontos ideológicos foram os responsáveis pelo afastamento do missionário da região de colonização italiana do Paraná. No âmbito político, sofreu vários atentados no ano de 1894 pelo fato de fazer oposição a participação dos imigrantes nas tropas locais que se envolveram nas lutas da Revolução Federalista. Um desses atentados é narrado da seguinte maneira pelo sacerdote:

Na noite de 17 de fevereiro por obra de um indigno italiano, bandido na Itália, coronel das forças revolucionárias, homem perigosíssimo, foram assaltadas as minhas residências do Água Verde e de Santa Felidade, na intenção de me matar, porque eu impedia os Italianos de colocar-se debaixo as bandeiras daquele enganador que se envolveu com a revolução para ter como formar uma orda de assassinos. [...] Dois meses tive que viver escondido em meio ao bosque e defendido por gente armada. As procuras destes assassinos para me encontrar foram contínuas, mas não conseguiram seu objetivo. (COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894.)

Essa perseguição promovida pelos liberais obrigou Colbacchini a deixar sua missão e o fez retornar, mesmo que a contragosto, para Itália. Acreditamos que no pensamento do missionário esse afastamento seria apenas temporário, como fica comprovado pelo pequeno extrato de carta a seguir: “Escrevi hoje mesmo para o Bispo de Curitiba D. José de Barros Camargo, oferecendo-lhe aquilo que posso fazer em favor dos italianos do Paraná...”. (COLBACCHINI a CAVAGNIS, junho de 1896). Mal sabia ele que o seu destino já havia sido decidido, pois os representantes do clero local já haviam escrito ao Internúncio Apostólico da Santa Sé no Brasil afirmando que não desejavam o retorno da figura intransigente do padre italiano para Curitiba: “A respeito do Pe. Colbacchini... segundo tenho ouvido dizer, é bastante orgulhoso e muito independente mesmo a respeito da autoridade eclesiástica. [...] Por minha parte, francamente digo, apreciarei muito que ele não volte”. (DOM JOSÉ BARROS a MONS. GOTTI, 29 de março de 1895.)

Em outra carta lemos ainda: “...por causa do seu gênio inacessível e sumamente orgulhoso, ocupando-se demasiadamente de sua pessoa tornou-se incompatível com quase todas as colônias e também com muitos nacionais... posso acrescentar que os colonos absolutamente não desejam o regresso dele” (PE. ALBERTO GONÇALVES a MONS. GOTTI, 06 de abril de 1895.) Portanto, devido a sua personalidade e sua

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

combatividade ultramontana Colbacchini foi impedido de retomar sua atuação missionária junto aos imigrantes italianos do Paraná, e ao retornar ao Brasil em 1896 será direcionado para a missão escalabriniana que se estava estabelecendo na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, onde viverá outros embates até sua morte em 1901.

### **Breve consideração final sobre os des(caminhos) da imigração italiana no Paraná**

Ao investigar as trajetórias aqui apresentadas, foi possível perceber que ambos os personagens possuíam projetos colonizadores e que optaram pelo Paraná, porém outros atores envolvidos no processo imigratório, como as autoridades civis e eclesiásticas aqui citadas, tinham outros interesses, que por sua vez, eram alheios ou contrários aos de nossos investigados.

Sobretudo, o governo brasileiro, e em particular o paranaense, tinham projetos ambiciosos, tanto que num primeiro momento apoiaram o empreendimento de Tripoti e a ideia de implantar colônias no litoral próximas ao porto de Paranaguá, visando uma produção que pudesse ser exportada. Contudo, não dispunham de recursos financeiros e humanos para gerir tal empreitada, de maneira que não só os núcleos coloniais particulares como a Alessandra, Pereira e Euphrasina não tiveram sucesso, mas também o empreendimento provincial instalado posteriormente, a Colônia Nova Itália, instalada no final de 1877, não vingou. Com isso, os governos acabaram por responsabilizar a terceiros para ocultar o seu fracasso inicial, ou seja, para não ‘ficar mal na foto’, e na história, transformando Savino Tripoti em ‘bode expiatório’ na tentativa de apagar suas responsabilidades pelos infortúnios vividos pelos imigrantes no início da instalação dos italianos em terras paranaenses.

Apesar do pioneirismo, pudemos perceber no decorrer da presente pesquisa que, os dois indivíduos investigados não tiveram os seus projetos de colonização levados adiante, sobretudo por falta de apoiadores locais, sendo inclusive afastados das atividades que exerciam em favor da imigração italiana em território paranaense. Nessa direção, ao construir o itinerário desses atores sociais, foi possível narrar quais foram os projetos que os mesmos idealizavam e porque não foram levados a cabo. Assim,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

evidenciamos quais foram as disputas, os interesses políticos e econômicos, as ideias conflitantes, enfim, as relações de poder existentes no processo imigratório em questão, no qual os dois agentes históricos estavam inseridos.

## Referências bibliográficas

AZZI, Riolando. *A igreja e os migrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil (1884-1904)*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BALHANA, Altiva Pilati. *Santa Felicidade, um processo de assimilação*. Curitiba: Tip. João Haupt & Cia Ltda., 1958.

CAVANHA, Jussara Nena. *Colônia Alessandra*. Curitiba: Progressiva, 2012.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME; KARSBURG; WEBER e FARINATTI (Org.s). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. *Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)*. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos, dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

TERRAGNI, Giovanni. *P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901*. Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

TRIPOTI, Savino. *Memorial de Savino Tripoti proprietário da Colônia Alessandra do Paraná*. Rio de Janeiro: Tip. de A. Marques & Cia., 1877.

VENDRAME, Maíra Ines. *O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre camponeses italianos (Brasil- Itália)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

SCARPIM, Fábio Augusto. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade defendido pelo padre Pietro Colbacchini para as regiões de colonização italiana no Sul do Brasil. *REVER*, vol. 15, nº1, Jan/Jun 2015, pp. 93-110.

\_\_\_\_\_. A atuação do missionário scalabriniano Pietro Colbacchini e o confronto entre catolicismo brasileiro e imigrante no final do século XIX. In: *Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 2015, v.1.